

***Hyphessobrycon* sp.n. (Characiformes, Acestrorhamphidae) da Amazônia Meridional**

Giulia G. Ordonez & Fernando R. Carvalho

UFMS, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas, Laboratório de Ictiologia e Coleção Ictiológica de Três Lagoas. Avenida Ranulpho Marques Leal, 3484, Distrito Industrial II, Câmpus II, 79.613-000, Três Lagoas, MS.

Manuscrito preparado segundo as normas da Neotropical Ichthyology (<https://www.scielo.br/j/ni/>)

RESUMO

Uma espécie nova de *Hyphessobrycon* é proposta para as bacias dos rios Aripuanã e Juruena, estado de Mato Grosso, Brasil. A espécie nova pode ser diagnosticada de suas congêneres pela seguinte combinação de caracteres: mácula umeral arredondada, conspícua, unida à faixa longitudinal negra larga no flanco, com cromatóforos dispersos na porção médio-ventral, estendendo-se aos raios medianos da nadadeira caudal; ii, 21-23 raios na nadadeira anal; 14-25 escamas perfuradas da linha lateral; dentes na série interna do pré-maxilar tri- a tetracuspídeos. A espécie é relativamente comum nas ecorregiões Madeira (bacia do rio Aripuanã) e Tapajós-Juruena.

PALAVRAS-CHAVE: *Hyphessobrycon agulha* ‘group’, Ecorregiões Madeira e Tapajós-Juruena, peixes neotropicais, taxonomia.

INTRODUÇÃO

Hyphessobrycon Durbin, 1908 é um dos gêneros mais ricos em espécies da agora família Acestrorhamphidae *sensu* Melo et al., 2024, tribo Hyphessobryconinae Lima, Carvalho & Faria, 2024 (Melo *et al.*, 2024), antes abrigado em Characidae *sensu* Miranda, 2011 (Carvalho *et al.*, 2014; Guimarães *et al.*, 2019; Faria *et al.*, 2020), com 151 espécies válidas (Fricke *et al.*, 2024). Apresenta ampla distribuição na região Neotropical, com ocorrência desde o sul do México até o Rio da Prata na Argentina (Dagosta *et al.*, 2014), com maior diversidade na bacia Amazônica (Ohara, Lima, 2015).

Proposto por Durbin (1908) (in Eigenmann, 1908) como um subgênero de *Hemigrammus*, *Hyphessobrycon* é diagnosticado por uma combinação de caracteres não-exclusivos como: linha lateral incompleta, *i.e.*, poros nas escamas da série longitudinal não se estendendo até o final do pedúnculo caudal; dentes no maxilar presentes; nadadeira caudal com escamas somente na base, não se estendendo nos lobos superior e inferior; pré-maxilar com duas séries de dentes, a interna com cinco e a externa com número variável; nadadeira adiposa presente e segundo infraorbital não contactando o pré-opérculo ventralmente (Eigenmann, 1908; Carvalho, Malabarba, 2015; Faria *et al.*, 2020;). De fato, estes caracteres homoplásticos confirmam a natureza não-monofilética do gênero (Ingenito *et al.*, 2013; García-Alzate *et al.*, 2017; Moreira, Lima, 2017; Faria *et al.*, 2018; Guimarães *et al.*, 2019; Faria *et al.*, 2020)

Embora os problemas taxonômicos associados ao gênero sejam evidentes, *i.e.*, espécies com diagnoses não robustas, localidades-tipo incertas, complexos de espécies, linhagens evolutivas que podem ser ‘abrigadas’, ainda que temporariamente, em *Hyphessobrycon* precisam ser descritas formalmente, suprimindo o déficit Linneano (*sensu* Hortal *et al.* 2015) da ictiofauna Neotropical. Nesse sentido, um novo táxon das bacias dos Aripuanã e Juruena, na Amazônia Meridional, é proposto.

MATERIAL E MÉTODOS

As análises foram feitas em espécimes conservados em álcool 70%, depositados na Coleção DZSJRP (Coleção de Peixes do Departamento de Ciências Biológicas do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, SP). Medidas e contagens, para a análise taxonômica, foram feitas de acordo com Fink & Weitzman (1974) e Menezes & Weitzman (1990), com adição das medidas - origem da nadadeira dorsal à origem da nadadeira adiposa e origem da nadadeira dorsal à origem da nadadeira caudal (da origem da dorsal à porção posterior da placa hipural), como apresentado em Carvalho *et al.* (2010). Todas as medidas foram feitas com paquímetro digital, de ponto a ponto, do lado esquerdo dos exemplares sempre que possível, e com aproximação de décimos de milímetros. Na descrição, valores entre parênteses referem-se ao número de exemplares para cada contagem encontrada. Comparações com as espécies congêneres foram feitas a partir da literatura (descrição original).

RESULTADOS

Hyphessobrycon espécie nova

(Figs. 1–3; Tab. 1)

Hyphessobrycon aff. *agulha* Fowler, 1913. –Casatti et al. (2020: 4;7;9-10, fig. 4f) (Checklist of stream fish from recently deforested basins in the Meridional Amazon).

Holótipo. DZSJRP 22336, 23,5 mm CP, Brasil, Estado do Mato Grosso, Cotriguaçu, afluyente do rio Juruena, -9,8233S -58,2563W, 07 Jun 2018, G. L. Brejão e equipe (Fig. 1).

Parátipos. Todos do Brasil. Mato Grosso. DZSJRP 21768, 49(5), 24,9–30,8 mm CP, Aripuanã, riachos sem nome, bacia do rio Aripuanã, -10,3644S -59,3605W, 02 Ago 2017, Gabriel Brejão e equipe. DZSJRP, 21926, 90 (16), 22,2–29,8 mm CP, Juína, riachos sem nome, bacia do rio Juruena -11,5302S -58,8258W, 30 Mai 2018, G. L. Brejão e equipe. DZSJRP 22065, 9(3), 22,8–25,4 mm CP, -11,5352S -58,7172W, 31 Mai 2018, G. L. Brejão e equipe. DZSJRP 22336, 16(8), 21,5–26,8 mm LS, -9,8233S -58,2563W, 07 Jun 2018, G. L. Brejão e equipe. DZSJRP 22422, 13(6), 21,1–24,7 mm LS, -9,8505S -58,2658W, 08 Jun 2018, G. L. Brejão e equipe.

Diagnose. *Hyphessobrycon* sp. n. pode ser distinguido de todos os seus congêneres, exceto de do grupo *H. agulha* Fowler, 1913 (i.e., *H. chiribiquete* García-Alzate, Lima, Taphorn, Mojica, Urbano-Bonilla & Teixeira, 2020, *H. cachimbensis* Travassos, 1964, *H. cyanotaenia* Zarske & Géry, 2006, *Hyphessobrycon eschwartzae* García-Alzate, Román-Valencia & Ortega, 2013, *H. fernandezi* Fernández-Yépez, 1972, *H. klausanni* García-Alzate, Urbano-Bonilla & Taphorn, 2017, *H. loretoensis* Ladiges, 1938, *H. lucenorum* Ohara & Lima, 2015, *H. margitae* Zarske, 2016, *H. myrmex* Pastana, Dagosta & Esguícero, 2017, *H. melanostichos* Carvalho & Bertaco 2006, *H. nigrinctus* Zarske & Géry, 2004, *H. paucilepis* García-Alzate, Román-Valencia & Taphorn, 2008, *H. petricolus* Ohara, Lima & Barros 2017, *H. peruvianus* Ladiges, 1938, *H. piranga* Camelier, Dagosta & Marinho, 2018, *H. psittacus* Dagosta, Marinho, Camelier & Lima, 2016, *H. scholzei* Ahl 1937, *H. sovicthys* Schultz, 1944, *H. stegemanni* Géry, 1961, *H. taphorni* García-Alzate, Román-Valencia & Ortega, 2013, *H. tuyensis* García-Alzate, Román-Valencia & Taphorn, 2008, *H. vilmae* Géry 1966 e *H. zoe* Faria, Lima & Wosiacki, 2020), pela

presença de uma faixa mediana longitudinal negra no flanco, difusa, com cromatóforos dispersos na metade inferior (vs. ausência de uma faixa mediana longitudinal negra no flanco ou faixa médio lateral definida e estreita, estendendo-se por até duas escamas em série transversal). Distingue-se dos congêneres mencionados acima, exceto *H. klausanni*, *H. lucenorum*, *H. margitae* e *H. myrmex*, por possuir uma mácula umeral conspícua e distinta na faixa mediana longitudinal, com cromatóforos muito dispersos e área abdominal hialina (vs. faixa longitudinal continua que une mácula umeral e caudal ou faixa longitudinal inconspícua). Distingue-se de *H. myrmex* por possuir uma mácula umeral arredondada (vs. mácula umeral verticalmente alongada, com limites não definidos). *Hyphessobrycon* sp. n. se diferencia de *H. lucenorum* e *H. margitae* pela presença, *in vivo*, de uma faixa longitudinal alaranjada acima da faixa longitudinal negra, desde a porção superior do opérculo, incluindo a porção superior do olho, até o pedúnculo caudal e base da nadadeira caudal (vs. faixa longitudinal alaranjada ausente). Por fim, distingue-se de *H. klausanni* por possuir um número maior de escamas perfuradas na linha lateral, 14-28 (vs. 3-4 em *H. klausanni*).

Descrição. Dados morfométricos na Tab. 1. Corpo relativamente comprimido e alongado; sua maior altura na origem da nadadeira dorsal. Perfil pré-dorsal relativamente convexo, mas levemente retilíneo da extremidade do focinho ao processo supraoccipital; base da nadadeira dorsal até o final da origem da nadadeira adiposa relativamente retilíneo; pedúnculo caudal relativamente retilíneo em sua extensão, levemente arredondado em suas porções dorsal e ventral. Perfil ventral do corpo levemente retilíneo da extremidade do focinho ao final da base da nadadeira anal; maior concavidade na região da cabeça, do focinho à vertical que passa pela pelo início da nadadeira peitoral.

Boca terminal, maxilares iguais em tamanho. Maxilar estendendo-se posteriormente, ultrapassando a margem da órbita. Narinas próximas uma da outra, abertura anterior pequena e circular, posterior duas vezes maior, separadas apenas por uma aba de pele.

Pré-maxilar em duas séries de dentes: a externa com 3 (30) ou 4 (9), tricúspidados; série interna com 4(2) ou 5 (36) pentacúspidados. Dentário com 3 (3) ou 4(36) dentes tetracúspidados, seguidos por uma série de até oito menores e cônicos. Cúspide mediana central de todos os dentes maior que as cúspides laterais; extremidades das cúspides ligeiramente curvadas para dentro nos dentes dentários e externamente nos dentes pré-maxilares.

Escamas cicloides, com poucos *radii*. Linha lateral incompleta, estendendo-se após a nadadeira pélvica, com 9 (1), 11 (1), 14 (2), 15(1), 16 (6), 17 (4), 18 (4), 19 (6), 20 (2), 21 (2), 23 (3), 24 (1) ou 25 (3) escamas perfuradas; série de escamas longitudinais, incluindo as perfuradas, 32 (5), 35 (13) ou 36 (21); séries de escamas entre a origem da nadadeira dorsal e a linha lateral 5 (37) a 5,5 (2); séries de escamas entre a linha lateral e a origem da nadadeira pélvica 3 (21) a 3,5 (18). Escamas na linha pré-dorsal 10 (9), 11 (28) ou 12 (2). Bainha de escamas na base da nadadeira anal 5 (21), 6 (12) ou 7 (3). Escamas em torno do pedúnculo caudal 13 (2) ou 14 (35). Escama axilar presente, de forma triangular e do mesmo tamanho que a adjacente.

Raios da nadadeira dorsal ii,9 (25) ou iii,9 (14); primeiro e segundo raios não-ramificados, o primeiro aproximadamente metade do segundo. Origem da nadadeira dorsal na vertical que passa pelo meio do corpo ou ligeiramente anterior, próximo da origem da nadadeira pélvica. Base do último raio da nadadeira dorsal na vertical que passa pela origem da nadadeira anal. Nadadeira adiposa presente.

Nadadeira peitoral com i,10 (9), i,11 (19) ou i,12 (11) raios. Nadadeira pélvica com i,7 (33) ou i,8(1) raios, extremidade do raio mais longo geralmente alcançando a origem da nadadeira anal. Nadadeira anal com iii,iv 21 (6), 22 (22) ou 23 (9) raios. Nadadeira caudal bifurcada com lóbulos levemente arredondados de tamanho semelhantes, com i,8/8,1 (2) ou i,9/8,i (13) raios, sem escamas cobrindo seus lobos, i.e., nadadeira caudal nua.

Colorido em Álcool. Colorido geral do corpo amarelado (Fig. 1). Porção anterior da cabeça com cromatóforos dispersos, estendendo-se pela porção mediana da órbita até o processo supraoccipital. Borda do pré-maxilar, maxilar e dentário com poucos cromatóforos, dispersos; infraorbitais e opérculo com cromatóforos uniformemente distribuídos, principalmente na porção posterior da cabeça. Mácula umeral arredondada e conspícua, iniciando após o osso opercular e estendendo-se por três ou quatro séries de escamas transversais e duas longitudinais no flanco. Faixa longitudinal do flanco, abaixo da linha longitudinal, com numerosos cromatóforos, exceto na região abdominal. Faixa longitudinal enegrecida estendendo-se desde a mácula umeral até os raios medianos da nadadeira caudal, com uma concentração maior de pigmento na porção mediana da base da nadadeira caudal. Faixa negra estreita, aproximadamente na origem da nadadeira dorsal até o final do pedúnculo caudal, ao longo da

inserção da musculatura epaxial com a musculatura hipaxial. Cromatóforos nos raios e membranas inter-radiais das nadadeiras, exceto nas peitorais e na nadadeira adiposa.



FIGURA 1. *Hyphessobrycon* sp. n.: A. holótipo, DZSJRP 22336, 23,5 mm CP; B. parátipo recém-fixado, 22,9 mm CP. Brasil, Mato Grosso, Cotriguaçu, afluente do rio Juruena, -9,8233S -58,2563W, 07 Jun 2018, G. L. Brejão e equipe.

Colorido em vida. Colorido geral do corpo variando dorsalmente do amarelo escuro ao marrom, com porção ventral hialina à levemente amarelada (Fig. 2). Padrões dos cromatóforos na cabeça, corpo e nadadeiras semelhante ao descrito no colorido em álcool. Nadadeiras dorsal, peitoral, pélvica e anal com as extremidades dos primeiros raios alaranjados. Nadadeira adiposa hialina, com xantóforos esparsamente distribuídos. Faixa longitudinal enegrecida conspícua, desde o osso opercular até os raios medianos da nadadeira caudal; acima desta faixa, uma faixa estreita amarelada/alaranjada, estendendo-se por uma série de escamas, estendendo-se da horizontal que passa pela porção superior da órbita até o final do pedúnculo caudal, incluindo a porção superior da íris do olho.



FIGURA 2. *Hyphessobrycon* sp. n., Brasil, Mato Grosso, Brasil, exemplar mantido em aquário, 53 mm CP (foto de Angelo R. Manzotti).

TABELA 1. Dados morfométricos de *Hyphessobrycon* sp. n. das bacias dos rios Aripuanã e Juruena, Amazônia Meridional. DP = Desvio Padrão; n = número de exemplares, incluindo o holótipo.

	Holótipo	Mínimo	Máximo	Média	DP	n
Comprimento do corpo	23,5	19,4	30,8	25,0	-	39
Porcentagens do comprimento padrão						
Altura do corpo	7,2	25,7	31,5	28,8	1,7	39
Comprimento da cabeça	5,9	23,2	26,9	25,4	1,0	39
Altura da cabeça	5,9	21,0	25,8	23,7	1,5	39
Distância pré-dorsal	12,2	49,3	53,1	51,0	1,0	39
Distância pré-ventral	10,3	41,2	46,8	44,8	1,2	39
Distância pré-anal	3,4	13,0	16,4	14,9	1,0	39
Altura do pedúnculo caudal	2,1	7,4	11,1	9,0	1,1	39
Base da nadadeira dorsal	2,9	11,6	16,5	14,0	1,2	39
Base da nadadeira anal	7,4	28,6	34,4	31,4	1,6	39
Comprimento nadadeira peitoral	4,9	17,1	22,0	19,6	1,4	39

Comprimento nadadeira pélvica	3,4	11,5	16,7	13,8	1,5	36
Comprimento nadadeira dorsal	6,7	25,2	30,7	27,6	1,5	39
Comprimento nadadeira anal	4,5	13,6	18,7	17,0	1,0	39
Comprimento pedúnculo caudal	3,1	8,3	12,4	10,5	1,1	39
Distância dorsal/adiposa	8,7	31,3	37,9	35,7	1,4	39
Distância orbital/dorsal	8,8	31,7	38,0	36,2	1,3	39
Distância dorsal/pedúnculo	12,3	49,2	53,2	51,1	1,1	39
Porcentagens do comprimento da cabeça						
Diâmetro da órbita	2,6	40,6	45,4	42,6	1,2	39
Comprimento do focinho	1,6	23,8	28,4	25,5	1,3	39
Distância interorbital	2,0	33,1	38,2	34,9	1,2	39
Comprimento do maxilar superior	2,7	40,7	47,6	43,5	1,8	39

Distribuição geográfica. *Hyphessobrycon* sp. n. está distribuído em riachos e drenagens das bacias dos rios Aripuanã e Juruena, estado de Mato Grosso, Brasil (Fig. 3).

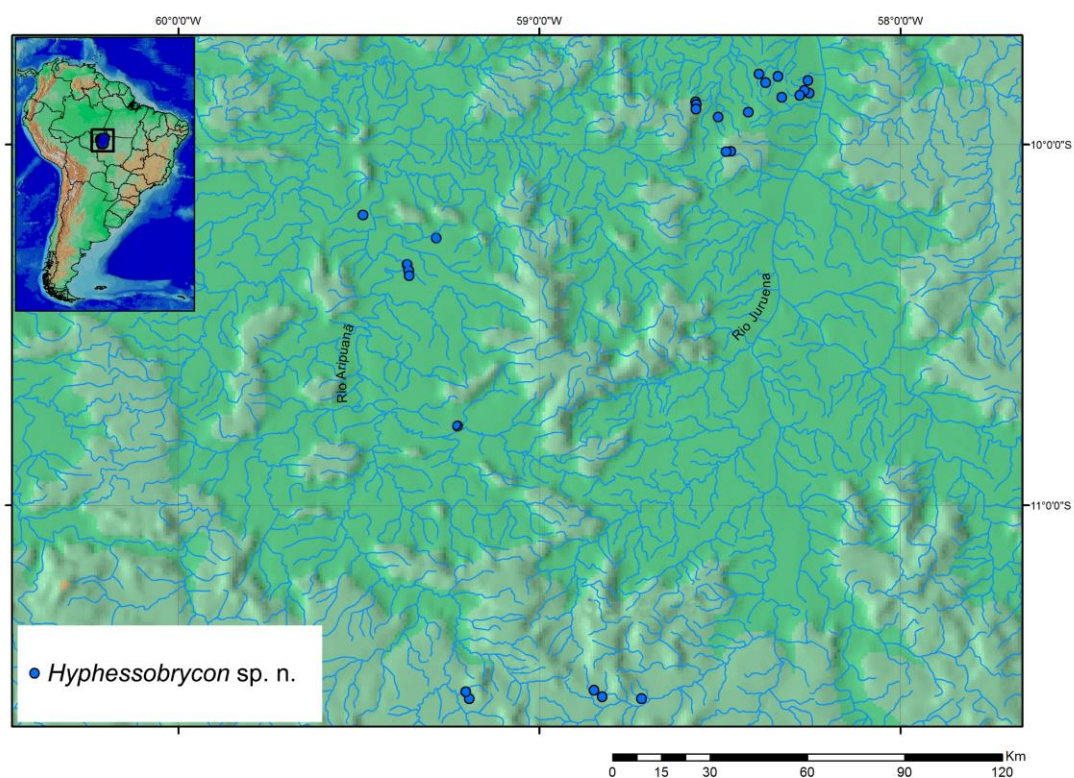


FIGURA 3. Distribuição de *Hyphessobrycon* sp.n. nas bacias dos rios Aripuanã e Juruena, Amazônia Meridional, Mato Grosso, Brasil.

Notas ecológicas. *Hyphessobrycon* sp. n. pode ser encontrado em ambientes de riachos dos rios Aripuanã e Juruena, em relativa abundância. A maioria dos riachos onde a espécie foi registrada é de riachos florestados cobertos por árvores e com troncos submersos nas margens Juruena (Casatti et al., 2020) (Fig. 4).



FIGURA 4. Ambiente típico de *Hyphessobrycon* sp. n., um afluente do rio Tapajós, estado do Mato Grosso, Brasil.

Status de conservação. Considerando que a espécie tem ampla distribuição em duas bacias hidrográficas e não existem ameaças significativas que coloquem em risco, no médio prazo, as populações, *Hyphessobrycon* sp. n. pode ser classificada como Pouco Preocupante (LC) de acordo com os critérios da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN, 2021). Entretanto, considerando que a distribuição da espécie está situada no "Arco do Desmatamento" da Amazônia (Fearnside, 2005), essa avaliação deve ser reavaliada constantemente.

DISCUSSÃO

Géry (1977) propôs seis grupos artificiais às espécies de *Hyphessobrycon*, baseando-se no colorido geral das espécies: “grupo a” - espécies sem máculas no flanco; “grupo b” - espécies com uma ou duas máculas umerais; “grupo c” - espécies com uma mácula caudal; “grupo d” - espécies com máculas umeral e caudal; “grupo e” - espécies com uma faixa enegrecida que se estende desde a região anterior do corpo, iniciando-se logo atrás da cabeça, até o pedúnculo caudal; “grupo f” - espécies com uma mancha negra na nadadeira dorsal [com dois subgrupos: subgrupo *H. bentosi* (agora transferidos para *Megalamphodus* Eigenmann *sensu* Melo et al., 2024) e subgrupo *H. compressus* – os “verdadeiros” *Hyphessobrycon*, já que

H. compressus é a espécie-tipo do gênero]. Nesse sentido, *Hyphessobrycon* sp. n. se enquadra no “grupo e”. Há dois subgrupos no “grupo e”: “subgrupo *agulha*” – espécies com faixa longitudinal normalmente não muito intensa, mas ampla, com cromatóforos distribuídos por toda porção médio-ventral do flanco, mais conspícua na porção entre o início da nadadeira anal e o pedúnculo caudal; “subgrupo *heterorhabdus*”, espécies com a faixa longitudinal enegrecida conspícua e definida ao longo do flanco, desde a abertura opercular até o pedúnculo caudal. O novo táxon se enquadra no “subgrupo *agulha*”. Ohara e Lima 2015 propuseram uma redefinição do “subgrupo *agulha*”, incluindo espécies com uma faixa longitudinal larga, conspícua ou parcialmente inconspícua (mais distinta ventralmente, posterior ao meio do corpo), e uma mácula umeral que pode ser conspícua ou unida à faixa longitudinal. No entanto, não há evidências de que o “grupo e - subgrupo *agulha*”, que inclui *Hyphessobrycon agulha* Fowler, 1913 seja monofilético, embora algumas espécies parecem formar clado com *H. herbertaxelrodi* Géry 1961 e *H. lucenorum* Ohara & Lima 2015 (Faria *et al.*, 2020). Dessa forma, a inclusão de *Hyphessobrycon* sp. n. neste “subgrupo *agulha*” ainda precisa de uma abordagem filogenética mais inclusiva em Acestorhamphidae, com espécies de mesmo padrão de colorido, incluindo aquelas em outros gêneros como *Hemigrammus* Gill e *Moenkhausia* Eigenmann, para que clados sejam recobrados como naturais.

Seguindo a atualização de Ohara e Lima (2015) para o “grupo e”, *Hyphessobrycon* sp. n. compartilha caracteres próximos, sobretudo o padrão de colorido, com *H. chiribiquete*, *H. cachimbensis*, *H. cyanotaenia*, *H. eschwartzae*, *H. fernandezi*, *H. klausanni*, *H. loretoensis*, *H. lucenorum*, *H. margitae*, *H. myrmex*, *H. melanostichos*, *H. nigricinctus*, *H. paucilepis*, *H. petricolus*, *H. peruvianus*, *H. piranga*, *H. psittacus*, *H. scholzei*, *H. sovichthys*, *H. stegemanni*, *H. taphorni*, *H. tuyensis*, *H. vilmae* e *H. zoe*. Estas espécies já foram diagnosticadas de *Hyphessobrycon* sp. n. (ver diagnose). *Moenkhausia phaeonata* Fink, 1979, uma piaba com distribuição nas bacias dos rios Tapajós-Juruena, Xingu, Tocantins-Araguaia e alto rio Paraguai (Toledo-Piza *et al.*, 2024), possui padrão de colorido semelhante à *Hyphessobrycon* sp. n. (cf. Marinho, 2010, 657, fig. 3). A espécie nova distingue de *M. phaeonota* pela linha lateral interrompida (vs. linha lateral completa em *M. phaeonota*) e ausência de escamas nos lobos da nadadeira caudal (vs. escamas cobrindo pelo menos metade dos lobos da nadadeira caudal).

A maior parte das espécies incluídas no “subgrupo *agulha*” possui um padrão de faixa longitudinal larga e conspícua de intensidade variável. Aqui apresentamos as espécies do “subgrupo *agulha*” em três grupos distintos: 1. *H. eschwartzae* (García-Alzate *et al.*, 2012: 866, fig. 3) e *H. zoe* (Faria *et al.*, 2020: 370, fig. 1), com faixa longitudinal inconspícua e

cromatóforos muito dispersos; 2. *H. chiribiquete* (García-Alzate *et al.*, 2019: 6, fig. 5), *H. cachimbensis* (Zarske, Géry, 2006: 46, fig. 17), *H. cyanotaenia* (Zarske, Géry, 2006: 43, fig. 14), *H. fernandezi* (Fernández-Yépez, 1972: 20, figs. 1-3), *H. loretoensis* (Hamburg, 1936: 645, fig. 9), *H. melanostichos* (Carvalho, Bertaco, 2006: 305, fig. 4), *H. nigrincinctus* (Zarske, Géry, 2004: 32, fig. 1), *H. paucilepis* (García-Alzate *et al.*, 2008: 149, fig. 7), *H. petricolus* (Ohara *et al.*, 2017: 245, fig. 1), *H. peruvianus* (Hamburg, 1936: 646, fig. 10) *H. piranga* (Camelier *et al.*, 2018: 4, fig. 1), *H. psittacus* (Dagosta *et al.*, 2016: 253, fig. 3), *H. scholzei* (Géry, 1966: 66, fig. 3), *H. soviethys* (García-Alzate *et al.*, 2008: 145, fig. 2), *H. stegemanni* (Géry, 1961: 7, fig. 1), *H. taphorni* (García-Alzate *et al.*, 2012: 862, fig. 1), *H. tuyensis* (García-Alzate *et al.*, 2008: 152, fig. 8) e *H. vilmae* (Géry, 1966: 63, fig. 1) com faixa longitudinal contínua, bem definida em até três séries de escamas transversais, unindo as máculas umeral e do pedúnculo caudal; e 3. *H. klausanni* (García-Alzate *et al.*, 2017: 129, fig. 1), *H. lucenorum* (Ohara, Lima, 2015: 565, fig. 1), *H. margitae* (Zarske, 2016: 107, fig. 1), *H. myrmex* (Pastana *et al.*, 2017: 4, fig. 1) e *Hyphessobrycon* sp. n. (Fig. 1) que possuem uma faixa longitudinal conspícua, mas com cromatóforos dispersos na porção médio-ventral do flanco, com área abdominal hialina.

Diversas espécies de *Hyphessobrycon* foram descritas nos últimos dez anos nas bacias dos rios Madeira e Tapajós, *e.g.*: *Hyphessobrycon eschwartzae* García-Alzate, Román-Valencia & Ortega; *Hyphessobrycon lucenorum* Ohara & Lima; *Hyphessobrycon petricolus* Ohara, Lima & Barros; *Hyphessobrycon platyodus* Ohara, Abrahão & Espíndola; *Hyphessobrycon procyon* Pastana & Ohara; *Hyphessobrycon taphorni* García-Alzate, Román-Valencia & Ortega na bacia do rio Madeira e *Hyphessobrycon delimai* Teixeira, Netto-Ferreira, Birindelli & Sousa; *Hyphessobrycon myrmex* Pastana, Dagosta & Esguícero; *Hyphessobrycon pinnistriatus* Carvalho, Cabeceira & Carvalho; *Hyphessobrycon piranga* Camelier, Dagosta & Marinho; *Hyphessobrycon psittacus* Dagosta, Marinho, Camelier & Lima; *Hyphessobrycon vanzolinii* Lima & Flausino e *Hyphessobrycon wadai* Marinho, Dagosta, Camelier & Oyakawa na bacia do rio Tapajós. A grande maioria dessas espécies são peixes de pequeno porte, menores que 15 cm CP (*sensu* Castro e Polaz, 2020) e de nascentes de riachos florestados. Essas áreas são mais sensíveis a impactos ambientais e precisam ser amostradas antes que táxons não descritos sejam extintos sem registro. *Hyphessobrycon* sp. n. descrito aqui reforça a importância do conhecimento de áreas de nascentes de bacias, principalmente em áreas de intensas transformações antrópicas, como é o caso das bacias no "Arco do Desmatamento" da Amazônia (Fearnside, 2005).

AGRADECIMENTOS

Somos gratos à equipe de Lilian Casatti (IBILCE/UNESP) pela coleta do material do táxon novo; Gabriel Brejão (UNESP – Rio Claro) pela confecção do mapa e Ângelo Manzotti (IBILCE/UNESP) pela imagem do exemplar em aquário.

REFERÊNCIAS

Carvalho TP, Bertaco VA. Two new species of *Hyphessobrycon* (Teleostei: Characidae) from upper rio Tapajós basin on Chapada dos Parecis, Central Brazil. *Neotrop Ichthyol.* 2006; 4 (3): 301-308. <https://doi.org/10.1590/S1679-62252006000300001>

Camelier P, Dagosta FCP, Marinho MMF. New remarkable sexually dimorphic miniature species of *Hyphessobrycon* (Characiformes: Characidae) from the upper Rio Tapajós basin. *J Fish Biol.* 2018; 92: 1149–1162. <https://doi.org/10.1111/jfb.13579>

Castro RMC, Polaz CNM. Small-sized fish: the largest and most threatened portion of the megadiverse neotropical freshwater fish fauna. *Biota Neotrop.* 2020; 20(1): e20180683. <http://dx.doi.org/10.1590/1676-0611-BN-2018-0683>

Carvalho FR, Malabarba L. Redescription and osteology of *Hyphessobrycon compressus* (Meek) (Teleostei: Characidae), type species of the genus. *Neotrop Ichthyol.* 2015; 13(3): 513-540. <https://doi.org/10.1590/1982-0224-20140173>

Dagosta FCP, Marinho MMF, Camelier P, Lima FCT. A New Species of *Hyphessobrycon* (Characiformes: Characidae) from the Upper Rio Juruena Basin, Central Brazil, with a redescription of *H. cyanoaenia*. *Copeia.* 2016; 104 (1): 250-259. <http://dx.doi.org/10.1643/CI-15-243>

Faria TC, Bastos DA, Zuanon J, Lima FCT. A new *Hyphessobrycon* (Characiformes: Characidae) of the *Hyphessobrycon heterorhabdus* species-group from the Central Amazon basin, Brazil. *Zootaxa.* 2020; 4859 (2): 275–284. <https://doi.org/10.11646/zootaxa.4859.2.6>

Faria TC, Guimarães KLA, Rodrigues LRR, Oliveira C, Lima FCT. A new *Hyphessobrycon* (Characiformes: Characidae) of the *Hyphessobrycon heterorhabdus* species-group from the lower Amazon basin, Brazil. *Neotrop Ichthyol.* 2021; 19 (1): 1-18. <https://doi.org/10.1590/1982-0224-2020-0102>

Faria TC, Lima FCT, Bastos DA. A new *Hyphessobrycon* (Characiformes: Characidae) from the rio Xingu Basin, Brazil. *Proc. Acad. Nat. Sci. Philadelphia.* 2018; 166: 1-10. <https://doi.org/10.1635/053.166.0103>

Faria TC, Lima FCT, Wosiacki WB. A New *Hyphessobrycon* (Characiformes: Characidae) from the Guiana Shield in Northern Brazil. *Copeia.* 2020; 108 (2): 369-375. <https://doi.org/10.1643/CI-19-311>

Fearnside PM. Desmatamento na Amazônia brasileira: história, índices e consequências. Megadiversidade. 2005; 1 (4): 113-123

Guimarães EC, Brito OS, Bragança PHN, Santos JP, Katz AM, Costa LFC, Ottoni FP. Integrative taxonomy reveals two new cryptic species of *Hyphessobrycon* Durbin, 1908 (Teleostei: Characidae) from the Maracaçumé and middle Tocantins River basins, Eastern Amazon region. Eur. J. Taxon. 2020; 723: 77–107. <https://doi.org/10.5852/ejt.2020.723.1145>

Guimarães EC, Brito OS, Feitosa LM, Costa LFC, Ottoni FP. A new cryptic species of *Hyphessobrycon* Durbin, 1908 (Characiformes, Characidae) from the Eastern Amazon, revealed by integrative taxonomy. Zoosyst. Evol. 2019; 95 (2): 345–360. <https://doi.org/10.3897/zse.95.34069>

García-Alzate CA, Urbano-Bonilha A, Taphorn DC. A new species of *Hyphessobrycon* (Characiformes, Characidae) from the upper Guaviare River, Orinoco River Basin, Colombia. ZooKeys. 2017; 668: 123–138. <https://doi.org/10.3897/zookeys.668.11489>

García-Alzate CA, Román-Valencia C, Ortega H. *Hyphessobrycon taphorni* y *H. eschwartzae* (Teleostei: Characidae) dos nuevas especies de peces de la cuenca del río Madre de Dios, Perú. Biol. Trop. 2013; 61: 859-873. <https://doi.org/10.15517/rbt.v61i2.11230>

García-Alzate CA, Lima F, Taphorn DC, Mojica JI, Urbano-Bonilla A, Teixeira TF. A new species of *Hyphessobrycon* Durbin (Characiformes: Characidae) from the western Amazon basin in Colombia and Peru. J Fish Biol. 2020: 1–10. <https://doi.org/10.1111/jfb.14319>

García-Alzate CA, Román-Valencia C, Taphorn DC. Revision of the *Hyphessobrycon heterorhabdus*-group (Teleostei: Characiformes: Characidae), with description of two new species from Venezuela. Vertebr Zool. 2008; 58 (2): 139-157. <http://dx.doi.org/10.3897/vz.58.e30925>

Hortal J, Bello F, Diniz-Filho JAF, Lewinsohn TM, Lobo JM, Ladle RJ. Seven Shortfalls that Beset Large-Scale Knowledge of Biodiversity. Annu. Rev. Ecol. Evol. Syst. 2015; 46 :523–549. <https://doi.org/10.1146/annurev-ecolsys-112414-054400>

Ingenito, LFS, Lima FCT, Buckup PA. A new species of *Hyphessobrycon* Durbin (Characiformes: Characidae) from the rio Jurueña basin, Central Brazil, with notes on *H. loweae* Costa & Géry. Neotrop Ichthyol. 2013; 11 (1): 33-44. <https://doi.org/10.1590/S1679-62252013000100004>

Lima SMQ, Costa WJEM. *Hyphessobrycon itaparicensis* (Characiformes: Characidae): a new Tetragonopterine fish From a coastal island of northeastern Brazil. Cybium. 2001; 25(3): 233-237.

Marinho MMF. A new species of *Moenkhausia* Eigenmann (Characiformes: Characidae) from the rio Xingu basin, Brazil. Neotrop Ichthyol. 2010; 8(3): 655–59.

Mirande JM. Morfologia, moléculas e filogenia de Characidae (Teleostei, Characiformes). Cladistics. 2019; 35: 282–300. <https://doi.org/10.1111/cla.12345>

Moreira CR, Lima FCT. Two new *Hyphessobrycon* (Characiformes: Characidae) species from Central Amazon basin, Brazil. Zootaxa. 2017; 4318 (1): 123–134. <https://doi.org/10.11646/zootaxa.4318.1.5>

Ohara WM, Lima FCT. *Hyphessobrycon lucenorum* (Characiformes: Characidae), a new species from the rio Madeira basin, Rondônia State, Brazil. Zootaxa. 2015; 3972 (4): 562–572. <http://dx.doi.org/10.11646/zootaxa.3972.4.7>

Ohara WM, Lima FCT, Barros BS. *Hyphessobrycon petricolus*, a new species of tetra (Characiformes: Characidae) from the rio Madeira basin, Mato Grosso, Brazil. Zootaxa. 4221 (2): 242–250. <https://doi.org/10.11646/zootaxa.4221.2.8>

Pastana MNL, Dagosta FCP, Esguíceo ALH. A new sexually dichromatic miniature *Hyphessobrycon* (Teleostei: Characiformes: Characidae) from the Rio Formiga, upper Rio Juruena basin, Mato Grosso, Brazil, with a review of sexual dichromatism in Characiformes. J. Fish Biol. 2017; 91:1301-1318. <https://doi.org/10.1111/jfb.13449>

Toledo-Piza M, Baena EG, Dagosta FCP, Menezes NA, Andrade M, Benine RC et al. Checklist of the species of the Order Characiformes (Teleostei: Ostariophysi). Neotrop Ichthyol. 2024; 22(1):e230086. <https://doi.org/10.1590/1982-0224-2023-0086>

Zarske A. *Hyphessobrycon margitae* spec. nov. – ein neuer Salmmler aus dem Einzugsgebiet des río Nanay in Peru (Teleostei: Characiformes: Characidae). Senckenberg. 2016; 66 (2): 105-115. <http://doi.org/10.3897/vz.66.e31536>

Zarske A, Géry J. Beschreibung einer neuen Salmmler-Gattung und zweier neuer Arten (Teleostei: Characiformes: Characidae) aus Peru und Brasilien. Zool Abh. 2006; 55: 31-49. 0375-5231

Zarske A, Géry J. *Hyphessobrycon nigricinctus* sp. n. – ein neuer Salmmler (Teleostei: Characiformes: Characidae) aus dem Stromgebiet des río Madre de Dios in Peru. Zool Abh. 2004; 54: 31-38.